

O PAPEL DA UNIVERSIDADE DURANTE A PANDEMIA: POLÍTICAS E AÇÕES DA UNEB – CAMPUS XVIII

Robson Braga

Formado em administração pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), com mestrado em administração pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e doutorado em controladoria e contabilidade pela Universidade de São Paulo (USP)

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar um panorama da Covid-19 e o papel da universidade durante a pandemia. É feita uma discussão da literatura, demonstrando o impacto da pandemia sobre o ambiente social e econômico brasileiro, especificamente entre o início da crise e o primeiro trimestre de 2021, momento agudo da pandemia. Neste contexto, são apresentadas as políticas e ações desenvolvidas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), a partir do Campus XVIII de Eunápolis. Os resultados mostram que a universidade tem se mostrado fundamental no contexto da pandemia, sendo que no Campus XVIII ações de valorização da ciência, projetos de extensão e eventos diversos foram realizados, com o intuito de promover ações que possam levar acolhimento às

comunidades afetadas e mitigar os impactos econômicos da pandemia, especialmente em termos de emprego e renda.

PALAVRAS-CHAVE: Covid-19; Pandemia; Universidade; UNEB; Valorização da ciência.

1 | INTRODUÇÃO

Quando os primeiros casos de Covid-19, doença causada por uma nova cepa de coronavírus, começaram a ser noticiados, a partir da cidade de Wuhan na China, não parecia ser algo tão severo que poderia parar o mundo. A coisa mudou quando a Organização Mundial da Saúde (OMS) emitiu alerta de pandemia no fim do mês de janeiro de 2020 (CENNIMO, 2020), demonstrando que a coisa era mais séria do que se suponha no início.

Com um poder de contágio acelerado, o vírus se espalhou pelo mundo de uma forma rápida e voraz, ameaçando a normalidade da vida das pessoas e das atividades comerciais, para além dos sérios impactos sobre os sistemas sanitários e de atendimento à saúde mundo afora. Em

fevereiro de 2020, quando os impactos ainda estavam nos seus primeiros níveis, McKibbin e Fernando (2020) já sinalizavam em seus estudos que a evolução da doença e seus desdobramentos sobre a economia eram altamente incertos, com grande dificuldade por parte dos formuladores de política macroeconômica de gerar respostas à altura.

Esse cenário de adversidade se estendeu ao longo de todo o ano de 2020, tendo o mundo encerrado aquele ano com mais de 100 milhões de casos e centenas de milhares de mortes. No caso brasileiro, a situação se mostrou bastante séria, uma vez que a escalada de casos de Covid-19 se acentuou ao longo do ano de 2020 e início de 2021, quando o país se tornou novo epicentro mundial em março de 2021, conforme mostram dados do projeto “*Our World in Data*”, da Universidade de Oxford. O Brasil superou a marca de 12 milhões de casos, com mais de 300 mil mortes ao fim de março de 2021 (DONG, DU e GARDNER, 2021).

O comportamento da população brasileira tem sido um dos elementos que poderiam explicar os níveis alarmantes da pandemia em solo nacional. Contudo, há elementos mais complexos neste contexto que precisam ser considerados, dentre eles o processo de desinformação das pessoas. Carvalho e Guimarães (2020) destacam que muitos líderes mundiais negarem a pandemia e sua gravidade. Lisboa, Ferro, Brito e Lopes (2020) complementam que líderes mundiais, inclusive no Brasil, não viam na adoção de medidas de isolamento um método preventivo eficiente e buscaram encontrar uma solução rápida, barata e já existente, como o uso de medicamentos de eficácia duvidosa.

A falta de uma ação coordenada entre os países reforça a falta de uma liderança mundial para dar conta de uma pauta comum frente à crise, como destaca Harari (2020). Ele lembra que durante a crise de 2008 e a epidemia do Ebola em 2014, os EUA atuaram como uma espécie de liderança, promovendo ações coordenadas entre diversos países para conter os efeitos mais severos da crise em nível mundial. A negação da ciência tem sido vista como uma das maiores vitórias para o coronavírus, promovendo um ciclo de desinformação que se expande com a fluidez de mensagens falsas pela internet e suas redes sociais, mesmo após o desenvolvimento de diversas vacinas pelo mundo.

Tudo isso só vez o vírus avançar ainda mais, exigindo que medidas extremas para evitar o colapso nos sistemas de saúde dos diversos países, inclusive do Brasil, tivessem que ser adotadas, em detrimento dos impactos sobre o contexto econômico. Medidas como restrições à circulação de pessoas e até mesmo *lockdowns*, representaram uma “pausa na economia”, nas palavras de Gormsen e Koijen (2020), com vistas a achatar a curva de contágio do vírus.

Tais medidas foram adotadas de forma mais ou menos intensa em diversas partes do mundo, especialmente com o avanço dos sinais de contágio e mortes, além do perfil e compreensão dos líderes das nações quanto à gravidade da situação. De qualquer forma, as restrições trouxeram impactos imediatos para setores classificados como “não essenciais”, como o do turismo e lazer. Yan, Tu, Stuart e Zhang (2020) asseveram que as

empresas dos setores mais afetados deverão adotar medidas de proteção para obterem lucro ou apenas sobreviver em ambiente tão adverso.

Para além do contexto de saúde pública, em estado de alerta e de calamidade em boa parte do Brasil, a crise do coronavírus afetou o ambiente econômico de forma relevante, impactando nos níveis de emprego, renda, abastecimento, câmbio e preços. Alvarenga, Gerbelli e Martins (2020) apresentam dados que mostram que o nível de consumo das famílias, especialmente as de baixa renda, foi fortemente afetado, além de crescimento nos níveis inflacionários e de desemprego, que saltaram de 11% para 14,6% de dezembro de 2019 a agosto de 2020.

Buscando conter os impactos da pandemia sobre o ambiente econômico, o Brasil adotou uma série de medidas para buscar reduzir os desdobramentos da crise. Uma das mais relevantes medidas envolveu linhas de crédito para pessoas físicas e jurídicas, diferimento do pagamento de impostos e liberação de mais de 300 bilhões de reais em assistência, por meio do chamado “auxílio emergencial”, além da liberação do saque do FGTS pelos trabalhadores (ALVARENGA, GERBELLI e MARTINS, 2020).

Considerando essas diversas faces da pandemia e o ambiente de desinformação e *fake news*, Tango *et al.* (2020) destaca o papel da universidade como promotora de permanente diálogo com as comunidades, visando a melhoria da qualidade de vida das pessoas em momento tão desafiador. A dificuldade de promover tal diálogo, contudo, é asseverada por Tango *et al.* (2020) como sendo uma provocação para um repensar de identidade institucional que possa tornar a universidade um ambiente “pluriversitário”, desfragmentado e pujante, visando a manutenção da dignidade dos estudantes e da população em geral.

Desse modo, em um ambiente tão adverso, os efeitos sobre o ambiente econômico, de renda, emprego e condição social das famílias, especialmente as de classes menos favorecidas são severos. Neste contexto, o presente estudo visa apresentar um panorama dos problemas gerados pela crise e o papel da universidade para promover ações que sejam adotadas por empresas, governos, entidades da sociedade civil e das pessoas em geral para o enfrentamento da crise econômica no Brasil durante a pandemia da Covid-19.

Para isso, são apresentados resultados empíricos de estudos realizados por pesquisadores, além de dados de bases secundárias nacionais que expressam as medidas adotadas e seus eventuais impactos sobre o cenário de crise econômico em 2020 e início de 2021. Por meio de uma discussão que apresenta um panorama do cenário pandêmico, o presente estudo visa contribuir com o ambiente de estudos sobre a Covid-19 e as ações adotadas por instituições de ensino superior, particularmente da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), no âmbito do Curso de Administração do Campus XVIII.

2 I COVID-19 NO BRASIL: DOS PRIMEIROS SINAIS À CALAMIDADE PÚBLICA

O mundo já viveu diversas pandemias ao longo da sua história. Uma das mais severas de que se tem notícia foi a gripe espanhola, no início do século XX, que dizimou milhões de pessoas em todo o mundo. A chegada do novo coronavírus trouxe comparações óbvias com essa pandemia de 100 anos atrás, com uma ressalva que merece destaque. Hoje, destaca Harari (2020), diferente do início do século passado, um vírus pode viajar ao redor de todo o mundo e infectar megacidades de milhões de pessoas em um intervalo de poucas horas.

Quando o novo coronavírus foi descoberto na cidade chinesa de Wuhan no fim de 2019 o mundo inteiro foi “tingido de vermelho” (em alusão a cor usada nos gráficos desenvolvidos pelos institutos de monitoramento da evolução da pandemia) em poucos meses. Em menos de seis meses desde o primeiro caso ser noticiado em território chinês, o mundo praticamente parou entre março e abril de 2020. E, no Brasil, a coisa não foi diferente.

O primeiro caso registrado de Covid-19 no Brasil ocorreu no fim de fevereiro de 2020, logo após as festividades do Carnaval, posteriormente questionadas, haja vista a declaração do Ministério da Saúde no início deste mesmo mês quanto à gravidade da doença, reconhecendo-a como “como uma emergência de saúde pública de importância nacional” (AGÊNCIA BRASIL, 2021). Adicionalmente, àquela época a Europa já contava com centenas de casos, o que poderia sinalizar que o Brasil estaria flertando com o perigo ou sendo negligente com os sinais emitidos pelos países europeus.

Seja por isso ou não, em março de 2020 o país já contava com contaminação comunitária, tendo registrado sua primeira morte pela doença e iniciado um ciclo de medidas de contenção do contágio que foram reforçadas nos meses seguintes (AGÊNCIA BRASIL, 2021). Tais medidas, registre-se, não foram adotadas de forma ordenada e síncrona no país, havendo divergências no próprio Governo Federal, que levou à demissão do ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta em abril de 2020 e outras duas trocas de comando da pasta até o mês de março de 2021.

A Figura 1 mostra como o coronavírus evoluiu ao longo dos meses, em termos de contágios diários. Conforme pode ser visto na citada figura, o Brasil teve um ciclo de expansão inicial que se estendeu até agosto de 2020, quando a curva passou por uma inflexão de queda. Em dezembro daquele ano, contudo, a curva sofre nova inflexão, desta vez para cima, superando em janeiro de 2021 o topo anterior de casos diários, que levaria o país ao epicentro mundial em março de 2021 (CSSE, 2021).

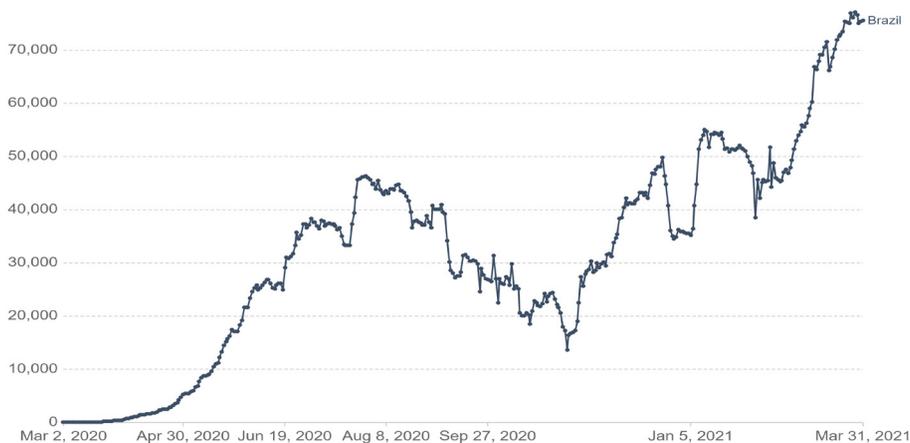


Figura 1: Evolução do número de casos diários de Covid-19 no Brasil.

Fonte: CSSE (2021) Covid-19 Our world in data.

Com esse crescimento exponencial de casos e de mortes (Figura 2), o sistema público de saúde brasileiro entrou em colapso em praticamente todos os estados do país ao fim do primeiro trimestre de 2021 (LONDOÑO e CASADO, 2021), apesar de a população do país já estar sendo vacinada neste período, mesmo que em ritmo considerado abaixo do ideal (FERNANDES, 2021).

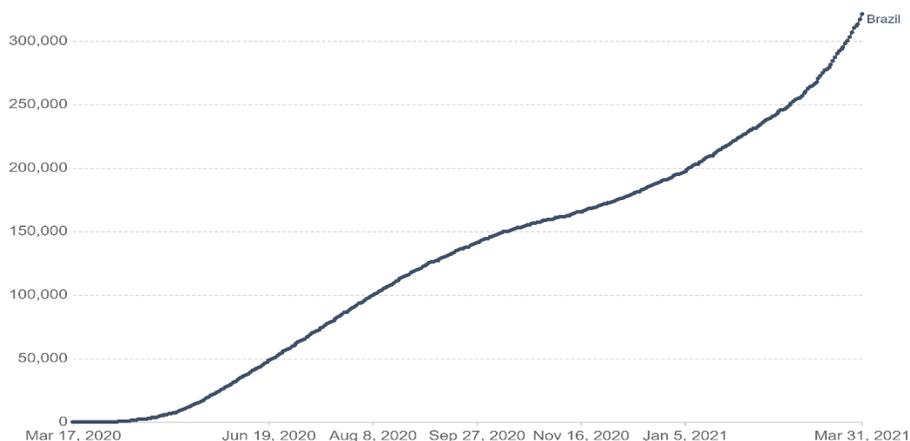


Figura 2: Curva acumulada de mortes por Covid-19 no Brasil.

Fonte: CSSE (2021) Covid-19 Our world in data.

Apesar desses números, a adoção das medidas para conter a escalada do vírus foi sendo comprometida por crenças infundadas em teorias da conspiração sobre o surgimento do vírus e sobre a real gravidade da doença, que, segundo alguns, supostamente poderia

ser tratada com medicamentos de baixo custo e disponíveis facilmente à população. Tal postura foi adotada, inclusive pelo presidente do Brasil que, segundo Londoño e Casado (2021), minimizou a ameaça do vírus e defendeu o uso de medicamentos sem comprovação científica e outros considerados ineficazes para o tratamento da Covid-19. Adicionalmente a isso, Guimarães e Carvalho (2020) destacam que notícias falsas e manipuladas foram intensamente compartilhadas nas redes sociais, propondo tratamentos ineficazes contra o coronavírus. As pessoas tendem a dar muito peso às *fake news*, especialmente pelo fato de ainda haver dúvidas sobre o assunto (PENNYCOOK e RAND, 2019).

Na medida em que as pessoas não assumem a gravidade do problema e são estimuladas a não considerarem a crise sanitária como algo sério o suficiente, a tendência de manutenção do crescimento da curva de contágio se torna inevitável. Parte do processo de negacionismo, na verdade, se sustenta na preocupação com os impactos econômicos que a crise pode gerar com a adoção de medidas mais severas de afastamento social. Londoño e Casado (2021) apresentam uma citação do prefeito da cidade de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, estado com o sistema de saúde em colapso em março de 2021: “coloque sua vida em risco para que possamos salvar a economia”.

Uma assertiva dessas coloca sobre a mesa, de forma assombrosa, a percepção do quanto a vida pode ser menos importante do que a economia. Ou que o custo financeiro é mais relevante do que o sanitário, talvez, visto que problemas econômicos crônicos também possam colocar a vida em risco. Essa questão coloca uma forte controvérsia sobre a pauta decisória, pois não dá para desconsiderar o impacto econômico sobre o emprego e a renda das famílias, especialmente as de baixa renda, exigindo que medidas tivessem e tenham que ser adotadas para conter os impactos da pandemia também no contexto econômico.

3 | AÇÕES E REAÇÕES À PANDEMIA

Alvarenga, Gerbelli e Martins (2020) destacam que a partir do crescimento dos níveis pandêmicos, a situação das famílias e empresas se agravou, exigindo que ações fossem adotadas pelo poder público para minimizar tais efeitos. Os autores destacam que houve liberação de recursos por meio de linhas de crédito para as empresas e trabalhadores, além da emissão de decretos que permitiram postergar pagamentos de impostos e outras contas de consumo, como energia elétrica. Em complemento, houve a criação do chamado “auxílio emergencial”, programa de distribuição de renda, que injetou bilhões de reais na economia.

Considerando o momento mais severo da crise sobre a economia, em sua primeira fase, entre março e maio de 2020, o país viveu os pontos mais críticos de impacto sobre o ambiente produtivo, conforme mostra gráfico da Figura 3. Não por acaso as medidas citadas por Alvarenga, Gerbelli e Martins (2020) foram adotadas mais fortemente naquele momento, ainda que reeditadas depois.

Ainda, conforme a Figura 3, a economia mostrou boa resposta aos estímulos econômicos, especialmente aquelas relacionadas ao auxílio emergencial, de modo que a curva de recuperação é evidente no segundo semestre. Essa injeção de recursos, contudo, fez o preço de alguns produtos dispararem, na medida em que a demanda cresceu mais rápido e intensamente do que a produção da indústria, especialmente a de alimentos (ALVARENGA, GERBELLI e MARTINS, 2020). Adicionalmente a isso, a disparada do dólar contribuiu com ainda mais pressão sobre os preços, visto que a moeda americana disparou desde o início de 2020.



Figura 3: Evolução da indústria, comércio e serviços em 2020

Fonte: Alvarenga, Gerbelli e Martins (2020). Nota: Base 100 jan.2020.

Considerando os diversos pacotes de estímulo que o país adotou, a exemplo de outros países do mundo, o endividamento público disparou, fazendo com que a relação dívida x PIB (Produto Interno Bruto) ficasse em torno de quase 90% ao fim de 2020. O gráfico da Figura 4 mostra como isso impactou no nível do déficit fiscal do país, que vem apresentando saldo negativo desde 2014 (ALVARENGA, GERBELLI e MARTINS, 2020).

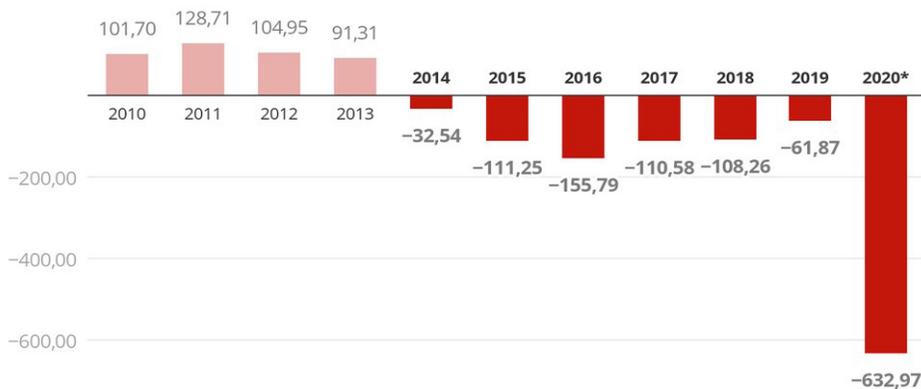


Figura 4: Resultado primário do setor público brasileiro em reais.

Fonte: Alvarenga, Gerbelli e Martins (2020). Nota: (*) dados até outubro.

Em 2021, o país deve repetir o ciclo de medidas e de posição fiscal, uma vez que os níveis pandêmicos no país não mostram recuo no início deste ano, pelo contrário, os níveis de mortes e contágios ao fim de março de 2021 são os mais altos deste o início da crise sanitária (LONDOÑO, CASADO, 2021).

Parece controversa essa posição em que o Brasil se encontra, considerando que a essa altura já se tem diversas vacinas aprovadas e sendo aplicadas pelo mundo, inclusive em território nacional. Contudo, para além do comportamento das pessoas, do negacionismo de alguns líderes políticos, o ritmo de vacinação é considerado ainda lento para 76% dos brasileiros, segundo resultado de pesquisa Datafolha, apresentado em 20 de março de 2021 (FERNANDES, 2021). Por tudo isso, é necessário que haja um reforço nas discussões e campanhas de conscientização da população, inclusive quanto à importância e eficácia da vacinação, que segue sendo vítima das *fakes news*.

Neste contexto, para além do seu papel em relação ao processo de formação profissional e de contribuição social, em termos de projetos de intervenção social, a universidade deve assumir a postura de defender a ciência e inserir-se ainda mais na sociedade neste momento. Tango *et al* (2020) destacam que a missão de uma universidade humanizada é a de estar em permanente diálogo com a comunidade, no sentido de melhoria da qualidade de vida geral da população, nos diversos contextos, inclusive neste de pandemia.

4 | O PAPEL DA UNIVERSIDADE NO DEBATE SOBRE EMPREGO E RENDA

Candeloro (2020) ao destacar o contexto da crise da Covid-19 assevera que se trata de três crises em uma, a saber: i) uma crise de saúde, promovida pelo coronavírus; ii) uma crise econômica, provocada pelas necessárias medidas de restrição adotadas para evitar o

contágio e; iii) uma crise psicológica e emocional, uma vez que envolve o desafio em lidar com as duas primeiras crises e ainda o de ter forças para lidar com o luto, que aturde a família daqueles que perdem entes queridos para a doença.

De fato, ao se contabilizar mais de 330 mil mortos até abril de 2021 (CSSE, 2021), há de se considerar que não é fácil para as famílias ter que enfrentar o luto em meio a um contexto que se torna ainda mais doloroso quando é associado a uma crise financeira. A necessidade de apoio psicológico, para além daquele de tratamento da saúde física, torna-se relevante. E esse tem sido um dos papéis da universidade no ambiente de crise.

Tango *et al.* (2020) trazem o caso do papel da universidade no contexto da pandemia, apresentando as ações adotadas pela Universidade de São Paulo (USP). Além de adotar medidas que pudessem acolher os seus discentes, com ações de isolamento, conscientização e conversão do ensino presencial para o remoto, no âmbito do ensino da graduação e da pós-graduação, a universidade se envolveu ainda mais com projetos de extensão. O tripé ensino, pesquisa e extensão ganhou mais força, evidenciando o papel ampliado da universidade.

Os programas de assistência social e de atendimento à população, promovida pelos cursos de saúde, para o atendimento a pessoas com Covid-19 foram elevados ao nível máximo, por meio especialmente dos hospitais universitários e dos cursos de medicina, enfermagem, assistência social e psicologia, para citar alguns. Pesquisas sobre o vírus e suas mutações, além dos estudos para o desenvolvimento de vacinas também foram práticas comuns. Não obstante as demais ações, programas de conscientização para higienização, uso de máscaras e afastamento social passaram a fazer parte das pautas extensionistas.

As ações apresentadas por Tango *et al.* (2020) não se restringem apenas à universidade paulistana, pelo contrário. Diversas iniciativas semelhantes foram adotadas pelas universidades em todas as partes do país. Dados da Universidade Federal da Bahia (UFBA, 2020) mostram que as universidades federais brasileiras tinham mais de 800 pesquisas sobre a pandemia em andamento até meados do ano de 2020, além de diversas ações envolvendo atendimento à população atingida pelo coronavírus, como a disponibilização de mais de 2000 leitos nos hospitais universitários e quase outros 500 de UTI (Unidade de Terapia Intensiva).

O mesmo pode ser dito da Universidade do Estado da Bahia (UNEB). Com suas quase trinta unidades operacionais espalhadas pelo estado, a UNEB desenvolveu diversas iniciativas de combate à pandemia. Com ações envolvendo a adoção do ensino remoto para seus cursos de graduação e pós-graduação, a UNEB desenvolveu a pesquisa “Nós por nós”, com o questionamento inicial de “vamos construir juntos o futuro de nossa universidade?” (UNEB, 2020).

A preocupação institucional se mostrou uma iniciativa cuidadosa e coerente de consultar os diversos atores que compõem a universidade, com vistas a entender suas

necessidades no contexto pandêmico.

A ideia é que a consulta represente a diversidade de experiências e demandas de cada público neste contexto de pandemia, garantindo que as políticas acadêmicas, de ações afirmativas e de assistência estudantil da universidade sejam produzidas a partir dos índices de vulnerabilidades sociais (UNEB, 2020).

Derivadas desta pesquisa, diversas ações foram adotadas, como concessão de equipamentos de informática para estudantes e professores, bolsas de assistência à equipamentos e internet, além da atuação personalizada à necessidade de cada Departamento, como o plano de oferta especial de ensino para o período 2020, além da programação para o semestre 2021.1. Não obstante, ações extensionistas já vinham sendo adotadas nos diversos departamentos da UNEB desde os primeiros meses da pandemia, desde o segundo trimestre de 2020. Tais ações se estendem ao Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias, campus XVIII da UNEB em Eunápolis, extremo sul da Bahia.

5 | DEBATE SOBRE EMPREGO E RENDA NA UNEB CAMPUS XVIII

O impacto da pandemia sobre a renda e o emprego é evidente. O Brasil vinha em um processo de recuperação no número médio de vagas de empregos perdidos nos últimos anos. Com a crise, a curva que estava em queda até novembro de 2019 inflexiona e sobe mais de 30% em pouco menos de um ano, como mostra o gráfico da Figura 5, apresentado por Alvarenga *et al.* (2020).

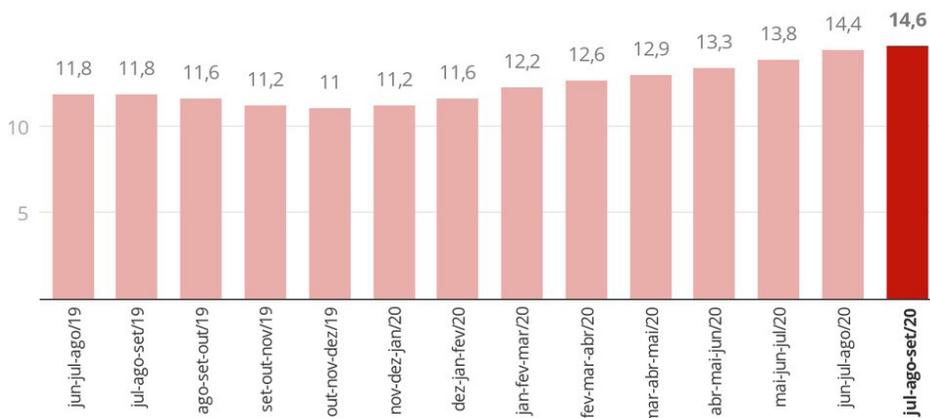


Figura 5: Evolução da taxa de desemprego no Brasil (em %).

Fonte: Alvarenga, Gerbelli e Martins (2020) com dados do IBGE.

Muitos dos brasileiros que não perderam o emprego tiveram redução em sua jornada de trabalho e no nível de renda, por consequência direta da crise ou pelas medidas de

proteção do emprego propostas pelo próprio Governo Federal (ALVARENGA, GERBELLI e MARTINS, 2020).

O surgimento de ações voltadas para o empreendedorismo ganhou força por todo o país, como destacam dados apresentados por Gaviolli (2020), que mostram que o brasileiro se voltou principalmente para negócios que pudessem ser feitos pela internet. O crescimento de novos negócios fez crescer o número de registros de microempreendedores individuais (MEI), sendo que apenas em 2020 foram registrados mais 2,6 milhões de novos negócios, o maior número dos últimos cinco anos, como mostram dados de uma pesquisa do SEBRAE (2021).

É preciso considerar, contudo, que boa parte desses novos empreendedores não tem conhecimento suficiente ou não estão preparados para gerir o novo negócio, ainda que ele seja pequeno (SILVA, SANTOS, MELO e BERNARDES, 2019). Pensando nisso, no âmbito das ações extensionistas, a UNEB, campus XVIII desenvolveu uma série de *lives* e minicursos voltados para levar conhecimento aos microempreendedores individuais (MEI) e candidatos a empreendedores.

O curso de Administração do campus XVIII da UNEB, em Eunápolis, promoveu uma programação ampla de eventos, que envolveu assuntos relacionados às áreas de recursos humanos, marketing, finanças e gestão empresarial voltados para pequenos negócios. Por meio do projeto “#Admlives”, foram realizadas diversas *lives* por meio da rede social Instagram, com temas como: “carreira e gestão em tempos de crise”; “autogestão, trabalho e saúde mental – reflexões em tempos de pandemia”; “empreendedorismo digital”; “economia e segurança pública: efeitos pandêmicos”; “economia informacional: trabalho sexual em tempos de pandemia”; “os reflexos da pandemia na justiça” e outros tantos que podem ser verificados na página [instagram.com/admeunapolis](https://www.instagram.com/admeunapolis). O projeto “#Admlives” se estendeu do mês de abril a dezembro de 2020.

Ainda no contexto do Colegiado do curso de Administração em setembro de 2020, foi realizada a programação da Semana do Administrador, com palestras e minicursos debatendo, em ambiente virtual, as tendências do varejo digital, gestão do tempo e produtividade, conexões estratégicas e relacionamentos interpessoais em tempos de pandemia, dentre outros, conforme também pode ser verificado na página [instagram.com/admeunapolis](https://www.instagram.com/admeunapolis).

Além disso, foi realizada pelo Departamento do Campus XVIII da UNEB em Eunápolis uma programação abrangente no contexto do V SINTEPE - Simpósio de Integração de Ensino, Pesquisa e Extensão, tendo como principal tema: “As matrizes culturais na Bahia: o papel da universidade pública e da produção do conhecimento”. Entre os dias 28 e 30 de outubro de 2020, via plataforma virtual Microsoft Teams, foram realizados debates, palestras e minicursos voltados para discutir a produção de conhecimento e a importância da ciência em tempos de pandemia.

No contexto do SINTEPE, houve mesa de discussões sobre “a crise econômica

e o papel da universidade no debate sobre emprego e renda”, título que empresta nome ao presente artigo. Na oportunidade, professores e pesquisadores discutiram como o ambiente da pandemia da Covid-19 tem impactado a geração de emprego e renda no Brasil e na região Extremo Sul da Bahia em particular. O papel da universidade, especificamente da UNEB neste ambiente desafiador se mostra relevante, quando considera a situação dos discentes e de suas famílias em termos de exposição aos riscos sanitário e econômico da crise. Essa consideração permite pensar em ações, principalmente extensionistas para levar oportunidades de acolhimento e de promoção de pautas empreendedoras e de atenção aos discentes.

Não por acaso, no contexto do Edital 012/2021 (UNEB, 2021), o Campus XVIII teve projetos aprovados que buscam entender e promover intervenções no contexto econômico da pandemia, tais como: “Desenvolvimento profissional docente em tempos de Pandemia”; “Administração pública e privada no contexto da Pandemia: desafios, respostas e aprendizados” e “Observatório da economia local em tempos de covid19: monitoramento do custo da cesta básica e da resiliência do mercado de trabalho em Eunápolis e Porto Seguro, Bahia”, dentre outros projetos, oportunizando aos discentes a participação ativa como monitores bolsistas, o que contribui com renda para esses estudantes.

Por tudo isso, entende-se que, a exemplo de outras instituições de ensino público superior, a Universidade do Estado da Bahia, por meio dos seus diversos campi espalhados em todo o território baiano, tem buscado contribuir com ações que visam o entendimento, a avaliação e a proposição de ações que possam reduzir, de algum modo, os efeitos negativos da pandemia na sociedade, com iniciativas voltadas para atenção às comunidades mais vulneráveis, no aspecto sanitário, social e econômico. Assim, a ciência e o ambiente em que ela é promovida, deverá ser uma das grandes acionistas de medidas que deverão levar o mundo a superar a crise sanitária e seus efeitos.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que os primeiros casos de Covid-19 surgiram na China e se espalharam pelo mundo, houve uma mudança inquestionável na forma como as relações sociais e econômicas acontecem. No caso brasileiro, não foi diferente, pelo contrário. Com o país figurando como epicentro da pandemia, o Brasil vem enfrentando uma crise dentro da outra, exigindo ações que possam fazer frente à crise sanitária e os seus desdobramentos sobre o ambiente econômico.

Em um contexto em que tem prevalecido o negacionismo e o entendimento controverso das pessoas sobre a pandemia e as medidas que devem ser adotadas pelo seu enfrentamento, a necessidade de informação de qualidade nunca foi tão relevante. Essa qualidade informacional passa pelo reconhecimento do valor da ciência, além de ações que possam acolher as pessoas que estão sendo acometidas pela Covid-19. O

papel da universidade ganha relevância em um ambiente como esse e é necessário que ela assuma esse protagonismo.

O presente estudo buscou traçar um panorama da crise da Covid-19, seus impactos sobre o ambiente econômico, as medidas de contingenciamento adotadas e como a universidade, particularmente a UNEB, tem contribuído com discussões, iniciativas e ações que possam levar oportunidades às comunidades por ela assistida, no que se refere ao enfrentamento da crise e à proteção do emprego e da renda.

Os resultados mostram que a UNEB, assim como outras instituições de ensino superior públicas brasileiras, tem desenvolvido diversas ações de acolhimento e assistência social, que visam atender a população diretamente atingida pela crise sanitária e econômica promovida pelo coronavírus. Com projetos de extensão e iniciativas para levar conhecimento para empreendedores, dentre outros públicos, o Campus XVIII da UNEB promoveu diversas ações durante o contexto da pandemia, nos anos de 2020 e 2021. Tais ações reforçam o papel da universidade e do tripé do ensino, pesquisa e extensão para contribuir com o ambiente social.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. **Primeiro caso de covid-19 no Brasil completa um ano**. In.: [https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano#:~:text=O%20Brasil%20identificou%20a%20primeira,a%20primeira%20morte%20pela%20doen%C3%A7a](https://agenciabrasil.ebc.com.br/saude/noticia/2021-02/primeiro-caso-de-covid-19-no-brasil-completa-um-ano#:~:text=O%20Brasil%20identificou%20a%20primeira,a%20primeira%20morte%20pela%20doen%C3%A7a.). 2021.

ALVARENGA, D.; GERBELLI, L.G.; MARTINS, R. **Como a pandemia 'bagunçou' a economia brasileira em 2020**. <https://g1.globo.com/economia/noticia/2020/12/12/como-a-pandemia-bagunçou-a-economia-brasileira-em-2020.ghtml>.

CANDELORO, R. 11 perguntas para mudar seu modelo mental em momentos de crise. In: **Venda Mais**. Curitiba, 2020, n° 279.

CARVALHO, W.; GUIMARÃES, A.S. Desinformação, Negacionismo e Automedicação: a relação da população com as drogas “milagrosas” em meio à pandemia da COVID-19. **InterAmerican Journal of Medicine and Health**, v. 3, 2020.

CENNIMO, D. **Coronavirus Disease 2019 (COVID-19)**. In.: <https://emedicine.medscape.com/article/2500114-overview#a1>. Recuperado em 06 de maio de 2020.

CSSE. **Our World in Data - Brazil: Coronavirus Pandemic Country Profile**. In.: <https://ourworldindata.org/coronavirus/country/brazil>. 2021

DONG E, DU H, GARDNER L. An interactive web-based dashboard to track COVID-19 in real time. **Lancet Infect Dis**; published online Feb 19. [https://doi.org/10.1016/S1473-3099\(20\)30120-1](https://doi.org/10.1016/S1473-3099(20)30120-1). 2021.

FERNANDES, D. **Para 76% dos brasileiros, vacinação contra Covid tem ritmo lento, diz Datafolha**. In.: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/2021/03/20/para-76-dos-brasileiros-vacinacao-contra-covid-tem-ritmo-lento-diz-datafolha>. 2021.

GAVIOLI, A. **Para driblar desempenho e pandemia brasileiro abre negócio na internet e e-commerce cresce 40% em 12 meses**. In.: <https://www.infomoney.com.br/consumo/para-driblar-desempenho-e-pandemia-brasileiro-abre-negocio-na-internet-e-e-commerce-cresce-40-em-12-meses/>. 2020

GORMSEN, N. J.; KOIJEN, R. S. **Coronavirus: Impact on stock prices and growth expectations**. University of Chicago, Becker Friedman Institute for Economics Working Paper. 2020.

HARARI, Y. N. Disease in a world without a leader: Humanity needs trust and cooperation to fight the pandemic. *Time*, 2020.

LISBOA, L. A.; FERRO, J. V. R.; BRITO, J. R. S.; LOPES, R. V. V. A disseminação da desinformação promovida por líderes estatais na pandemia da Covid-19. In: **Anais do I Workshop sobre as Implicações da Computação na Sociedade**. SBC, 2020. p. 114-121.

LONDOÑO, E.; CASADO, L. A Collapse Foretold: How Brazil's Covid-19 Outbreak Overwhelmed Hospitals. <https://www.nytimes.com/2021/03/27/world/americas/virus-brazil-bolsonaro.html>

MCKIBBIN, W.; FERNANDO, R. The global macroeconomic impacts of COVID-19: Seven scenarios. **Asian Economic Papers**, p. 1-55, 2020.

PENNYCOOK, G.; RAND, D. G. Lazy, not biased: Susceptibility to partisan fake news is better explained by lack of reasoning than by motivated reasoning. **Cognition**, v. 188, p. 39-50, 2019.

SEBRAE. Mesmo com pandemia, país registra recorde na abertura de MEI. In.: <https://www.sebrae.com.br/sites/asn/uf/NA/mesmo-com-pandemia-pais-registra-recorde-na-abertura-de-mei,028f6d7ad1c47710VgnVCM1000004c00210aRCRD>. 2021.

SILVA, L.S.; SANTOS, K. J.; MELO, T. S.; BERNARDES, J. R. Microempreendedor individual: uma análise descritiva do perfil dos microempreendedores individuais da Região Nordeste. **Revista da FAESF**, v. 2, n. 4, 2019.

TANGO, M. D.; DE LIMA, L. P. DOS SANTOS, I. S.; GRUTZMANN, L. F.; PINHEIRO, P. J. R.; MENA, G. O.; TIOZZO, C. E. A missão da universidade no contexto da pandemia de COVID-19. **Revista Fim do Mundo**, n. 03, p. 208-225, 2020.

UFBA. Mais de 800 pesquisas: a atuação das universidades federais no combate à Covid-19. Universidade Federal da Bahia, 2020. In.: <https://coronavirus.ufba.br/mais-de-800-pesquisas-atuacao-das-universidades-federais-no-combate-covid-19>.

UNEB. **Nós por Nós: UNEB consulta comunidade acadêmica para construir proposições para condução das atividades durante pandemia**. In.: <https://portal.uneb.br/noticias/2020/08/20/nos-por-nos-uneb-consulta-comunidade-academica-para-construir-proposicoes-para-conducao-das-atividades-durante-pandemia/>

YAN, B.; STUART, L.; TU, A.; ZHANG, T. **Analysis of the Effect of COVID-19 on the Stock Market and Potential Investing Strategies**. Available at SSRN 3563380. 2020